

DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA ELIZABETH MADUREIRA
SIQUEIRA, POR PEDRO ROCHA JUCÁ

22 de novembro de 1995

Neste ano de 1995, quando foi realizado em Pequim a Quarta Conferência Mundial da Mulher, a Academia Mato-Grossense de Letras esmerou-se em desempenhar sua tradição, já histórica, de prestigiar as expressões femininas da intelectualidade regional. No dia 27 de outubro, este sodalício recebeu festivamente a Acadêmica Yasmin Jamil Nadaf que, dentre outros méritos, conseguiu catalogar a Revista *A Violeta*, que circulou por mais de 30 anos, do Grêmio Literário Júlia Lopes. Hoje, dia 22 de novembro, é a vez da minha estimada amiga Elizabeth Madureira Siqueira, historiadora do melhor quilate. Ela se notabilizou como uma das mais brilhantes professoras do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso.

No seu item 12, a Declaração de Pequim, assinada em setembro deste ano, recomenda promover *a expansão do papel da mulher e o progresso da mulher, incluído o direito às liberdades de pensamento, de religião e de crença, o que contribuiu para a satisfação das necessidades morais, éticas, espirituais e intelectuais das mulheres e dos homens, individualmente ou em comunidade com outros, porque lhes garante a possibilidade de realizar seu pleno potencial na sociedade, modelando suas vidas conforme suas próprias realizações.*

Vale lembrar sempre que foi esta Academia Mato-Grossense de Letras a primeira no Brasil, isto há quase 65 anos, a acolher uma mulher nos seus quadros. No dia 26 de janeiro de 1931, foi aqui empossada, com todas as honras, ocupando a Cadeira nº 7, a Acadêmica Maria de Arruda Müller, exemplo de fibra e de cultura do Estado. No dia 6 de setembro de 1946, a Academia Mato-Grossense de Letras se enriquecia com a posse da Acadêmica Ana Luísa Prado Bastos, que foi a primeira tesoureira do Centro Mato-Grossense de Letras, entidade que deu origem à Academia. O seu ingresso no Centro ocorreu no dia 3 de julho de 1921, mas ela foi residir em Campo Grande, logo depois, passando a ser sócia correspondente. Com a sua nova estrutura, a Academia Mato-Grossense de Letras decidiu reconduzi-la para sócia efetiva. Ela foi empossada, então, na Cadeira nº 27, sendo recebida pelo Acadêmico José de Mesquita.

A terceira mulher a ingressar nesta Academia Mato-Grossense de Letras foi a gaúcha Vera Randazzo. Poeta e escritora, com todas as características mato-grossenses, ela havia realizado, ainda, um ótimo trabalho de implantação do atual Arquivo Público do Estado. Idealizado pelo Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, que era Secretário de Administração do Estado, o novo órgão surgiu em meio de muitas dificuldades. A

Acadêmica Vera Randazzo se desdobrou neste missão e, merecidamente, foi empossada no dia 10 de março de 1982 na Cadeira nº 19.

Com a quebra da sua relutância confessa e continuada, a Acadêmica seguinte foi a ilustre professora Dunga Rodrigues. Vencida, finalmente, pela insistência do Acadêmico Antônio de Arruda, a homenageada concordou em ocupar uma das vagas abertas. A resposta afirmativa, recordo-me bem, foi dada em minha residência. Foi difícil demover a modéstia da professora Dunga Rodrigues, que não se julgava merecedora de participar dos quadros desta Academia, o que era incompreensível em todos os sentidos. Ela foi empossada na Cadeira nº 39, no dia 19 de setembro de 1984, sendo recebida pelo Acadêmico Antônio de Arruda. A Academia Mato-Grossense de Letras sem Dunga Rodrigues não seria merecedora da sua tradição pioneira.

Depois de intensas atividades no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, a quinta mulher a ingressar na Academia Mato-Grossense de Letras foi a Acadêmica Nilza Pinto Queiroz, que passou a se chamar Nilza Queiroz Freire, depois do seu casamento. A sua produção cultural, amplamente divulgada através de artigos na imprensa local, nos transporta para a Cuiabá bucólica que embalou os nossos sonhos. No impacto do passar dos anos, restam as imagens que ela preserva cuidadosamente. A sua posse na Cadeira nº 14 ocorreu no dia 25 de setembro de 1993.

A historiadora Yasmin Jamil Nadaf prosseguiu a tradição assumindo a Cadeira nº 38, no dia 27 de outubro de 1995. É a sexta Acadêmica da série. Hoje, dia 22 de novembro de 1995, é a vez da Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira. No Dia da Música e de Santa Cecília, sua padroeira, a Academia Mato-Grossense de Letras reúne-se festivamente para receber mais uma Acadêmica, a sétima, que abrihantará a Cadeira nº 29. Pela nossa história, antevejo que outras virão para dar continuidade a esta histórica galeria de mulheres Acadêmicas.

Já na sua posse, a Acadêmica Maria de Arruda Müller assinalou para a eternidade o valor da mulher neste sodalício: *Abaixo o preconceito de se vedarem a ela os sagrados umbrais da ciência! Para governar, para educar, para ser verdadeiramente mãe, a mulher precisa adquirir o caprichoso polimento do diamante. E a faceta mais trabalhada tem que ser o caráter. A educação moral da mulher, como a do homem, deve ser superposta à mental e à física.* Mais adiante, a Acadêmica Maria de Arruda Müller resumiu: *A coroa de rosas, de lindas rosas de Jericó, que hoje me enflora o coração, quero dedicar num simbolismo vivo às mulheres de minha terra.*

A Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira não nasceu sob *os flabelos reais de mil palmeiras* do simbolismo poético de Dom Aquino Corrêa. Ela é paulista de Franca, tão paulista e emblemática como foram as avós, as mães, as esposas e as irmãs dos primeiros bandeirantes que chegaram aos sertões de Cuiabá, varando os rios, no início do século XVIII. Ela traz consigo, é bom lembrar, a fibra da mulher paulista que suportou as adversidades familiares naqueles momentos históricos da expansão geográfica do Brasil no período colonial. Não podemos esquecer, entre as muitas páginas que os séculos nos

proporcionaram, o gesto heróico da mulher paulista ao estimular a vitória das tropas comandadas por Amador Bueno da Veiga, na Guerra dos Emboabas, quando foram alicerçadas as bases da criação da Capitania de São Paulo e Minas Gerais. Esse foi o primeiro passo para a implantação seguinte da Capitania de São Paulo e depois o seu desdobramento em três outras, incluindo-se aí Mato Grosso e Goiás.

O dia de hoje, quando homenageamos Santa Cecília, a Padroeira da Música, nos permite lembrar um pensamento, atribuído a Santo Agostinho, destacando que *cantar é orar duas vezes*. Quem não nasce em Mato Grosso deve ser mato-grossense duas vezes ou mais. Além da opção, sempre lhe é exigida a responsabilidade por essa opção. Muitos vão mais adiante ao acrescentar a dignidade que trouxeram do berço, geralmente distante, e que será intransigentemente defendida até o desenlace da vida material no berço eterno que essa opção colocou bem próximo dos nossos descendentes.

A nossa nova confrreira sempre se desdobrou, e com todo brilho, na produção do conhecimento histórico de Cuiabá e de Mato Grosso. A sua presença na Casa Barão de Melgaço não é recente. Recordo-me dela desde a execução do primeiro convênio com a Universidade Federal de Mato Grosso, na reorganização do nosso acervo bibliográfico. Tempos depois, ela voltou ao nosso convívio como sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso onde vem realizando um trabalho merecedor dos melhores aplausos.

Somos vizinhos e amigos de longa data. Já fiz parte da sua equipe no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, da Universidade Federal de Mato Grosso. Participamos do Curso de Aperfeiçoamento em Preservação e Divulgação do Patrimônio Documental na Região de Mato Grosso e do Projeto Memória Histórica da Universidade Federal de Mato Grosso. A minha admiração pela sua extraordinária capacidade de trabalho ampliou-se com o seu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. O que poderei dizer neste momento em que a recebo em nome dos meus pares na Academia Mato-Grossense de Letras? No mínimo, e com uma ponta de orgulho, poderia dizer que ela de há muito estava a merecer um lugar entre nós. Ao aprovarmos o seu nome, prestamos, é verdade, uma homenagem à mulher, à intelectual, à professora, à pesquisadora incansável, mas também estamos agradecendo pelo muito que ela já fez pela historiografia mato-grossense. E isto ela sempre realiza sem personalismo e sem vaidade.

Acredito que estamos vivendo, hoje, um significativo momento na história da Academia Mato-Grossense de Letras. A tradição quase secular desta instituição mais uma vez está diante do novo. São válidas todas aquelas manifestações de cultura, desde que elas tragam, e consagrem na sua total plenitude, a lógica, a autenticidade, a pureza e a legitimidade na transmissão do saber, em benefício da humanidade. Qualquer gesto que prejudique, mesmo ao mínimo, o ser humano não é uma manifestação de cultura e sim um exemplo de ignorância. Aí está um dos grandes dilemas do mundo moderno, onde a gradação de valores nem sempre corresponde ao melhor critério de avaliação.

Jamais neguei o meu apoio pessoal ao novo, ao moderno, pois sempre haverá possibilidade do surgimento de algo melhor para o evoluir das gerações. Contudo, a tradição será sempre um dos símbolos desta consagrada Academia Mato-Grossense de Letras, materialização dos sonhos e dos ideais dos seus luminares, que são sucedidos, mas jamais substituídos. A frágil “imortalidade” dos membros aceitos por este sodalício é e sempre será a exaltação de tudo o que for feito em benefício de Mato Grosso, principalmente.

À tradição acadêmica não pertence a uma geração, a um grupo ou a uma pessoa. Nem todos que mereciam chegaram aqui no passado e no presente. O mesmo vai acontecer no futuro. Por isto, todos nós, que ingressamos nesta tradicional entidade, temos a responsabilidade de preservar seus valores e reforçar os pilares da sua história. Por isto, estimada Acadêmica Elizabeth Madureira Siqueira, ao recebê-la na Academia Mato-Grossense de Letras antevejo o muito que fará pela continuidade desses valores. Contudo, devo alertar para não confundir os conceitos tradicionais com as amarras do retrocesso, pois esta Casa Barão de Melgaço é um templo da pluralidade do pensamento. São Francisco de Salle, doutor da Igreja, Patrono dos Jornalistas, foi um dos precursores da Academia Francesa, que surgiu com o apoio decisivo do Cardeal Richelieu. Mas o primeiro *imortal* que chegou aos altares foi o equatoriano São Irmão Miguel. Ele era lassalista, congregação religiosa que revolucionou o ensino no século XVII ao dividir os estudantes em classes de acordo com o conhecimento de cada, como antecipou São João Batista de La Salle. Notabilizou-se no magistério e chegou a ocupar a cadeira na Academia de 1ª Lengua, hoje Academia de Letras do Equador. São João Bosco, Dom Bosco como é conhecido, fundou a Congregação Salesiana em honra de São Francisco de Salle.

Invocando as bênçãos de São João Batista de La Salle e de São Irmão Miguel à professora e Acadêmica, recebo hoje a historiadora Elizabeth Madureira Siqueira com o júbilo de um amigo e com o respeito de um admirador. De há muito estávamos à sua espera. A festa de hoje não é apenas sua, mas também de todos nós.